PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS ANOS INICIAIS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

ADNA MARIA DO NASCIMENTO

Resumo:
Este artigo analisa práticas educativas voltadas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental, discutindo fundamentos teóricos, desafios pedagógicos e estratégias que favorecem a inclusão escolar e o desenvolvimento integral dos estudantes. A pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica integrativa, articulando contribuições da educação inclusiva, da psicologia do desenvolvimento e das políticas públicas educacionais. São abordados aspectos relacionados à adaptação curricular, mediação docente, organização do ambiente escolar, avaliação formativa e parceria entre escola e família no processo educativo. A análise evidencia que a inclusão efetiva de estudantes com TEA exige planejamento pedagógico intencional, formação continuada dos professores e práticas estruturadas que promovam o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e comunicativo. Conclui-se que a escola inclusiva deve garantir não apenas o acesso à educação, mas também participação ativa, aprendizagem significativa e respeito às singularidades de cada estudante em diferentes contextos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Anos iniciais; Educação inclusiva; Práticas pedagógicas; Mediação docente.

ABSTRACT
This article analyzes educational practices aimed at children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the early years of elementary education, discussing theoretical foundations, pedagogical challenges, and strategies that promote school inclusion and the integral development of students. The research is based on an integrative literature review, articulating contributions from inclusive education, developmental psychology, and educational public policies. The study addresses aspects related to curricular adaptation, teacher mediation, school environment organization, formative assessment, and the partnership between school and family in the educational process. The analysis highlights that the effective inclusion of students with ASD requires intentional pedagogical planning, continuous teacher training, and structured practices that foster cognitive, social, emotional, and communicative development. It is concluded that inclusive schools should guarantee not only access to education, but also active participation, meaningful learning, and respect for the singularities of each student in different school contexts.

KEY-WORDS: Autism Spectrum Disorder; Inclusive education; Early years; Pedagogical practices; Teaching mediation.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões sobre a escola e o direito à aprendizagem. Nos anos iniciais do ensino fundamental, fase em que as crianças começam a construir conhecimentos essenciais para sua formação, torna-se ainda mais importante pensar em práticas que garantam a participação de todos os estudantes, inclusive daqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA apresenta características relacionadas principalmente à comunicação, à interação social e ao comportamento, manifestando-se de formas diferentes em cada criança. Por isso, não existe uma única maneira de ensinar ou incluir alunos autistas no ambiente escolar. Cada estudante possui seu próprio tempo, suas dificuldades, interesses e potencialidades, o que exige do professor sensibilidade, observação e flexibilidade no planejamento das atividades.

Nessa perspectiva, a inclusão não deve acontecer apenas como presença física da criança na sala de aula. É necessário que ela parti-

cipe das experiências escolares, desenvolva vínculos, sinta-se acolhida e tenha oportunidades reais de aprendizagem. A mediação do professor, o ambiente organizado e as relações construídas no cotidiano escolar fazem diferença no desenvolvimento social, emocional e cognitivo desses estudantes.

Além disso, o trabalho inclusivo depende da atuação conjunta entre escola, família e demais profissionais envolvidos no acompanhamento da criança. Quando existe diálogo e parceria, torna-se mais possível compreender as necessidades do estudante e construir estratégias pedagógicas mais adequadas à sua realidade.

Outro aspecto importante refere-se à necessidade de a escola reconhecer a diversidade como parte natural do ambiente educativo. Cada criança aprende de maneira diferente, e compreender isso é essencial para a construção de práticas pedagógicas mais acessíveis e significativas. No caso dos estudantes com TEA, respeitar o ritmo de aprendizagem e oferecer apoio adequado contribui para que eles participem das atividades escolares com mais segurança e autonomia.

Também é necessário compreender que a inclusão escolar envolve desafios que vão além da sala de aula. Muitas instituições ainda enfrentam dificuldades relacionadas à formação docente, à falta de recursos pedagógicos e à ausência de apoio especializado. Mesmo assim, práticas simples, como a organização da rotina, o uso de recursos visuais e a construção de vínculos afetivos, podem favorecer significativamente o processo de aprendizagem e socialização da criança com TEA.

Nesse contexto, o professor possui papel fundamental na promoção de experiências inclusivas. Sua atuação exige não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade para perceber as necessidades dos estudantes e adaptar estratégias quando necessário. A escuta, a observação e a mediação constante tornam-se elementos importantes para que o ambiente escolar seja mais acolhedor e participativo.

Além dos benefícios para os estudantes com TEA, a inclusão também contribui para a formação de toda a comunidade escolar. A convivência com as diferenças favorece o desenvolvimento da empatia, do respeito e da cooperação entre as crianças, fortalecendo relações mais humanas dentro da escola. Assim, construir práticas inclusivas significa promover uma educação comprometida não apenas com o acesso ao ensino, mas também com a valorização das singularidades e com o direito de todos à aprendizagem.

Nesta perspectiva, torna-se cada vez mais necessário ampliar as discussões sobre práticas pedagógicas inclusivas que realmente considerem as necessidades dos estudantes com TEA no cotidiano escolar. Mais do que cumprir determinações legais, incluir significa construir possibilidades para que cada criança se desenvolva de forma integral, participe das experiências coletivas e tenha suas potencialidades reconhecidas. Quando a escola assume esse compromisso, ela contribui não apenas para a aprendizagem acadêmica, mas também para a formação de sujeitos mais autônomos, confiantes e socialmente participativos.

Diante disso, este artigo busca discutir práticas educativas voltadas para crianças com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental, refletindo sobre caminhos que contribuam para uma educação mais acolhedora, participativa e significativa para todos os alunos. Busca-se também compreender a importância da mediação docente e das estratégias inclusivas no desenvolvimento da aprendizagem e da socialização das crianças no ambiente escolar.

COMPREENSÃO DO TEA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Entender o TEA no contexto escolar é condição essencial para evitar interpretações equivocadas de comportamentos e para planejar intervenções adequadas. Baptista (2019) afirma que o desconhecimento acerca do transtorno pode levar à interpretação equivocada de comportamentos, gerando práticas excludentes ou pouco eficazes.

Muitas vezes, atitudes como isolamento, dificuldade de contato visual ou resistência a mudanças são vistas apenas como indisciplina ou desinteresse, quando na verdade fazem parte das características do transtorno. Crianças com TEA podem apresentar desafios na comunicação pragmática, na com-

preensão de regras sociais e na flexibilidade cognitiva.
Contudo, também demonstram interesses específicos, habilidades particulares e grande capacidade de concentração em temas de seu interesse.
Segundo Orrú (2016), "o estudante com autismo aprende, mas aprende de modo diferente, exigindo estratégias específicas que respeitem sua forma singular de perceber o mundo" (p. 41). Quando reconhecidas e valorizadas, essas potencialidades podem se tornar pontos de partida para o processo de ensino.
Assim, o papel da escola é compreender que essas crianças aprendem, embora possam precisar de caminhos diferenciados para isso. A reorganização metodológica torna-se, portanto, indispensável.

ADAPTAÇÃO CURRICULAR E FLEXIBILIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Garantir que todos aprendam implica repensar o currículo e as estratégias de ensino. A adaptação curricular, nesse contexto, não significa reduzir conteúdos, mas reorganizar a forma como são apresentados e trabalhados. Para estudantes com TEA, pode ser necessário fragmentar tarefas, ampliar o tempo de execução, utilizar recursos visuais, diversificar instrumentos de avaliação e propor atividades mais concretas. O foco deve estar na construção do conhecimento, e não apenas no cumprimento rígido de um planejamento padronizado.
Flexibilizar não é diminuir expectativas, mas criar condições reais de acesso. Quando o ensino é planejado considerando as necessidades do estudante, ele se torna mais equitativo e significativo.
Além disso, pequenas mudanças na rotina escolar podem fazer grande diferença no processo de aprendizagem e participação da criança com TEA. A previsibilidade das atividades, a organização do ambiente e a utilização de estratégias que favoreçam a comunicação contribuem para que o estudante se sinta mais seguro e envolvido nas experiências escolares. Quando a escola passa a olhar para as necessidades individuais sem perder de vista o potencial de cada criança, o processo educativo se torna mais acolhedor, participativo e capaz de promover aprendizagens mais consistentes e assertivas.

ESTRUTURAÇÃO DO AMBIENTE E PREVISIBILIDADE

O ambiente escolar exerce forte influência no desenvolvimento da criança com TEA. Rotinas organizadas, antecipação das atividades e clareza nas instruções reduzem a ansiedade e favorecem a autonomia.
A organização do espaço físico, a delimitação de áreas para diferentes atividades e o controle de estímulos sensoriais excessivos contribuem para maior concentração. Quadros de rotina, sinalizações visuais e combinados claros auxiliam na compreensão das expectativas e promovem segurança emocional.
Pequenas mudanças na organização do ambiente podem gerar impactos significativos na participação e no desempenho acadêmico, pois "a previsibilidade reduz a ansiedade e aumenta a autonomia da criança com autismo" (MELLO, 2017, p. 58) e consequentemente contribui para maior concentração e engajamento.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS ESTRUTURADAS

Entre as estratégias pedagógicas mais eficazes destacam-se o ensino estruturado, o uso de comunicação alternativa, histórias sociais e a mediação por pares. Essas práticas ajudam a tornar as atividades mais previsíveis e compreensíveis.
Metodologias participativas também podem ser aplicadas, desde que cuidadosamente organizadas e mediadas, pois "a aprendizagem torna-se mais significativa quando o aluno participa ativamente da construção do conhecimento" (p. 21). A participação ativa do estudante deve ser estimulada de forma planejada, respeitando seu ritmo e suas necessidades.
O uso de recursos concretos, pistas visuais e instruções objetivas favorece a compreensão das propostas pedagógicas e amplia as possibilidades de engajamento.
Neste caso, a construção de uma rotina acolhedora e organizada contribui para que a criança com TEA desenvolva maior segurança nas interações e nas atividades escolares. Quando o estudante compreende o que

será realizado e encontra um ambiente previsível e respeitoso, tende a participar com mais autonomia e confiança. Nesse processo, o professor atua como mediador das experiências de aprendizagem, observando as necessidades da criança e ajustando as estratégias sempre que necessário para favorecer seu desenvolvimento e participação no cotidiano escolar.

DIMENSÃO SOCIOEMOCIONAL

A inclusão escolar não se limita ao campo cognitivo. A dimensão socioemocional desempenha papel central na trajetória da criança com TEA. Dificuldades na compreensão de emoções e interações sociais podem impactar o convívio com os colegas. Por isso, atividades como dramatizações, jogos cooperativos e mediações intencionais são importantes para o desenvolvimento das habilidades sociais.

Criar um ambiente de acolhimento e respeito fortalece vínculos e promove o sentimento de pertencimento, elemento essencial para o desenvolvimento integral. Mantoan (2015), diz que, a escola inclusiva deve promover pertencimento e reconhecimento, criando ambientes nos quais o estudante se sinta valorizado.

FORMAÇÃO DOCENTE

A efetivação da inclusão depende diretamente da formação dos professores. A complexidade do trabalho com a diversidade exige estudo continuo, reflexão sobre a prática e disposição para o trabalho colaborativo.

Professores que compreendem as especificidades do TEA tendem a se sentir mais seguros para adaptar atividades, mediar conflitos e propor intervenções adequadas. A formação continuada amplia repertórios pedagógicos e fortalece a prática inclusiva.

Além do conhecimento teórico, a troca de experiências entre os profissionais da escola também contribui significativamente para o fortalecimento das práticas inclusivas. O compartilhamento de estratégias, desafios e possibilidades permite que os professores construam soluções mais próximas da realidade vivida em sala de aula. Quando a equipe escolar trabalha de forma colaborativa, o processo de inclusão se torna mais consistente e acolhedor para todos os estudantes.

Outro aspecto importante é compreender que a formação docente não se limita à participação em cursos ou capacitações pontuais. Ela acontece também no cotidiano escolar, por meio da observação, da escuta e da reflexão sobre as experiências vividas com os alunos. O contato direto com a diversidade desafia o professor a repensar práticas, desenvolver novas formas de ensinar e ampliar seu olhar sobre o processo de aprendizagem. Dessa maneira, a inclusão deixa de ser apenas uma exigência institucional e passa a fazer parte da construção de uma prática pedagógica mais humana e significativa.

ESCOLA E FAMÍLIA

A parceria entre escola e família é fundamental no processo de escolarização da criança com TEA. A comunicação constante possibilita alinhamento de estratégias e continuidade das intervenções.

Quando escola e família compartilham informações e objetivos, o estudante encontra maior estabilidade emocional e coerência nas orientações recebidas. Epstein (2001) afirma que "a cooperação entre escola e família amplia as oportunidades de aprendizagem e fortalece o desenvolvimento social" (p. 45).

Essa articulação fortalece o processo educativo e amplia as oportunidades de desenvolvimento.

Para além disso, o diálogo entre família e escola contribui para uma compreensão mais ampla das necessidades, dificuldades e potencialidades da criança. Muitas informações sobre comportamento, formas de comunicação e interesses do estudante podem auxiliar o professor na construção de estratégias pedagógicas mais adequadas ao cotidiano escolar. Da mesma forma, a família também passa a acompanhar de maneira mais próxima os avanços e desafios vivenciados pela criança na escola, fortalecendo vínculos e tornando o processo educativo mais acolhedor, participativo e significativo.

TIPO DE PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa de natureza exploratória e des-

critiva. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir compreensão aprofundada das práticas pedagógicas e das interações envolvidas na inclusão de crianças com TEA. O caráter exploratório possibilitou examinar diferentes perspectivas teóricas e práticas sobre o tema, enquanto o caráter descritivo permitiu sistematizar estratégias, adaptações e intervenções realizadas no contexto escolar.

Como procedimento principal, utilizou-se a revisão bibliográfica integrativa, articulando produções acadêmicas da área da educação inclusiva e do desenvolvimento humano. Complementarmente, foram consideradas observações pedagógicas em contextos inclusivos, contribuindo para análise situada das práticas

COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada em duas frentes complementares: levantamento bibliográfico e análise de práticas pedagógicas desenvolvidas em uma escola municipal de anos iniciais localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo, no bairro Cidade Tiradentes.

A escolha desse contexto não foi aleatória. Trata-se de uma unidade escolar inserida em um território marcado por diversidade cultural, desafios socioeconômicos e intensa demanda por políticas públicas educacionais. A escola atende estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental e conta com matrícula de crianças público-alvo da educação especial, incluindo estudantes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No campo empírico, foram analisados documentos produzidos no cotidiano escolar, que revelam como a inclusão se materializa na prática. Entre os materiais examinados estiveram planos de aula com adequações, sequências didáticas adaptadas, relatórios de acompanhamento pedagógico, registros reflexivos elaborados pelos professores, instrumentos avaliativos diferenciados e planos de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Também foram considerados registros de reuniões pedagógicas e encontros com famílias.

Mais do que observar documentos formais, buscou-se compreender o movimento pedagógico que sustenta essas produções: as decisões tomadas pelos professores, os ajustes realizados ao longo do processo e as estratégias criadas para responder às necessidades reais dos estudantes.

Os dados foram organizados a partir de eixos temáticos que dialogam com os objetivos do estudo, mediação docente, adaptação curricular, organização do ambiente, avaliação e parceria com a família, permitindo uma análise articulada entre teoria e prática.

PARTICIPANTES

Os participantes do estudo foram professores dos anos iniciais do ensino fundamental, professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), coordenadores pedagógicos e profissionais com experiência na área da educação inclusiva.

A seleção ocorreu de forma intencional, priorizando profissionais que atuam diretamente com estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista e que possuem experiência na implementação de adaptações curriculares, estratégias estruturadas de ensino e práticas de mediação voltadas à inclusão.

A participação desses sujeitos possibilitou compreender percepções docentes acerca dos desafios enfrentados na escolarização de crianças com TEA, das estratégias utilizadas para promover a aprendizagem e das condições institucionais que favorecem ou dificultam a inclusão.

Embora as famílias não tenham participado diretamente por meio de entrevistas formais, seus registros e participações em reuniões pedagógicas foram considerados como parte do contexto analisado. A comunicação entre escola e responsáveis revelou-se elemento essencial para a construção de estratégias mais coerentes e para o fortalecimento do vínculo com os estudantes.

Ao situar a pesquisa nessa realidade específica, uma escola pública da Zona Leste de São Paulo, o estudo ganha contornos concretos, evidenciando que a inclusão não acontece em abstrato, mas em territórios reais, atravessados por desafios sociais, estruturais e humanos que influenciam diretamente o fazer pedagógico.

MATERIAIS UTILIZADOS

Foram analisados planos de ensino adaptados, instrumentos avaliativos, planos de AEE, sequências didáticas estruturadas, recursos visuais, jogos pedagógicos adaptados, registros de evolução e documentos normativos relacionados à inclusão. A diversidade de materiais possibilitou triangulação de dados, favorecendo maior consistência e confiabilidade na análise das práticas pedagógicas voltadas à inclusão de crianças com TEA nos anos iniciais.

LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Por tratar-se de pesquisa qualitativa com recorte contextual específico, os resultados não podem ser generalizados para todas as realidades escolares. Apesar dessas limitações, o estudo oferece contribuições relevantes para a compreensão das práticas educativas voltadas a crianças com Transtorno do Espectro Autista, evidenciando caminhos possíveis para o aprimoramento da inclusão escolar nos anos iniciais e para o fortalecimento de políticas educacionais orientadas pela equidade e pelo direito à aprendizagem.

Os apontamentos apresentados reforçam a importância de uma escola comprometida com a valorização das diferenças e com a construção de práticas pedagógicas mais acessíveis e acolhedoras. Nesse processo, o papel do professor torna-se fundamental, especialmente na organização de experiências que favoreçam a participação, a interação social e o desenvolvimento das potencialidades de cada estudante. A formação continuada e o suporte institucional também se mostram elementos essenciais para que a inclusão aconteça de maneira efetiva no cotidiano escolar.

Além disso, compreender a inclusão como um processo contínuo possibilita repensar concepções e metodologias construídas no ambiente educativo. Mais do que adaptar atividades, incluir significa reconhecer cada criança como sujeito de direitos e oferecer oportunidades reais de aprendizagem. Assim, a escola fortalece seu papel social ao promover uma educação mais humana e comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista nos anos iniciais demanda muito mais do que a simples matrícula na classe comum. Ela exige uma reorganização consciente das práticas pedagógicas, planejamento estruturado e, sobretudo, um compromisso coletivo com a equidade. Incluir implica rever concepções, flexibilizar rotinas, repensar estratégias e, muitas vezes, desconstruir modelos tradicionais de ensino que ainda operam sob a lógica da homogeneidade.

A mediação docente mostrou-se elemento central para promover participação e aprendizagem. É no olhar atento do professor, na escuta sensível e na capacidade de ajustar percursos que a inclusão ganha forma concreta. A adaptação curricular, a organização intencional do ambiente e o uso de estratégias estruturadas ampliam as possibilidades de desenvolvimento e favorecem o acesso real ao conhecimento. Quando o planejamento considera a singularidade do estudante, o processo educativo deixa de ser excludente e passa a ser verdadeiramente formativo.

A dimensão socioemocional também se destaca como parte inseparável do processo educativo. Não há aprendizagem significativa sem vínculo, segurança e sentimento de pertencimento. Crianças com TEA, assim como todas as outras, precisam sentir-se reconhecidas em suas potencialidades. O acolhimento não é um gesto complementar, mas uma condição para que a aprendizagem aconteça de forma consistente e respeitosa. A formação continuada e o trabalho colaborativo entre professores, equipe gestora e família fortalecem a inclusão e tornam o processo mais consistente. A escola que dialoga, que compartilha responsabilidades e que constrói estratégias em conjunto tende a responder de forma mais eficaz às demandas da diversidade. A parceria com a família, nesse contexto, amplia a compreensão sobre o estudante e favorece intervenções mais coerentes e alinhadas.

Além disso, é importante compreender que a inclusão escolar não acontece de forma imediata. Ela é construída diariamente nas

relações, nas escolhas pedagógicas e na maneira como a escola organiza suas práticas. Muitos desafios ainda fazem parte da realidade educacional, como a falta de recursos, de formação específica e de apoio institucional. Mesmo diante dessas dificuldades, ações pautadas no diálogo, na escuta e no planejamento coletivo podem fortalecer experiências inclusivas mais significativas.

Nesse processo, o professor assume um papel que vai além da transmissão de conteúdos. Sua atuação envolve acolher, incentivar interações, compreender limites e criar possibilidades para que cada estudante participe ativamente das experiências escolares. O estudante com TEA necessita de um ambiente em que se sinta seguro, respeitado e reconhecido em suas capacidades. Quando a escola compreende isso, a aprendizagem passa a acontecer de maneira mais humana, acessível e significativa.

Também se torna necessário construir uma cultura escolar baseada no respeito às diferenças. A inclusão não pode depender apenas da iniciativa individual de um professor, mas deve fazer parte da identidade da escola e do compromisso coletivo de toda a comunidade escolar. Quando a diversidade é entendida como parte natural do ambiente educativo, todos os estudantes aprendem a conviver de maneira mais empática, respeitosa e colaborativa.

Dessa forma, conclui-se que a escola inclusiva é aquela que reconhece a diversidade como princípio estruturante e assume a responsabilidade de criar caminhos pedagógicos flexíveis, garantindo a cada estudante o direito de aprender com dignidade e significado. Isso implica compreender que a inclusão não é um projeto paralelo nem uma prática eventual, mas parte integrante da identidade da escola. Trata-se de um movimento contínuo de reflexão, ajuste e reconstrução das práticas.

A efetivação da inclusão de crianças com TEA nos anos iniciais exige sensibilidade, conhecimento técnico e compromisso ético. Mais do que cumprir determinações legais, trata-se de assegurar que cada criança encontre na escola um espaço onde possa desenvolver suas capacidades, construir relações e perceber-se como sujeito de direitos. A inclusão se fortalece quando a escola transforma sua cultura institucional e passa a enxergar a diferença não como obstáculo, mas como elemento que amplia e enriquece o processo educativo.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Claudio Roberto. Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2019.

EPSTEIN, Joyce L. School, family, and community partnerships: preparing educators and improving schools. Boulder: Westview Press, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. Autismo: guia prático. 8. ed. São Paulo: AMA, 2017.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. São Paulo: Penso, 2018.

NÓVOA, António. Professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 2019. ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.